

Vertente

ANO I - Nº 3 - RJ / ABRIL 97

VOLTADO PARA A PRODUÇÃO CULTURAL DESTINADA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE



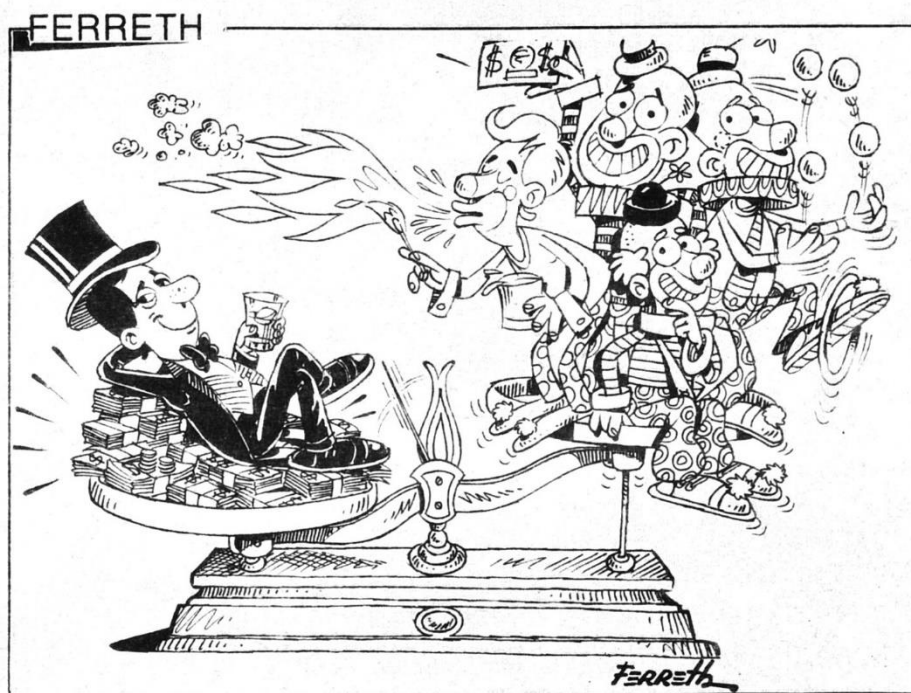
EDITORIAL

VERTENTE nº 3 – quarto número – este uma edição voltada para a Literatura Infantil, e uma homenagem especial a Sylvia Orthof.

Reunimos, neste número, a nata dos especialistas em literatura infantil, com artigos e depoimentos de Laura Sandroni, Eliana Yunes, Fanny Abramovich e da própria Sylvia Orthof. Têm estado em nossas páginas um recorte significativo da intelectualidade que se preocupa com este segmento da cultura, voltada para a criança e o adolescente. E neste número, especialmente, todos honrados e felizes por estarem participando da homenagem à Sylvia Orthof.

Ao mesmo tempo que nomes ilustres já consagrados passeiam por nossas páginas, nomes ilustres, a caminho da consagração, lançam um manifesto, preocupados com os rumos da literatura infantil no país: o **Crialivros**, formado por autores e ilustradores da “nova geração”.

E, talvez, inspirados por movimentos como estes, ou pressionados por acontecimentos inquietantes, lançamos, também, um quase manifesto, que fala da difícil relação da Arte e do Poder, de ética e da moral; e, buscando maior dinamismo, abrangência, e interação com o leitor, criamos, a partir deste número, a seção **TRIBUNA LIVRE**: espaço aberto para o artista reivindicar seus direitos, trazer sua proposta. Enfim.



EXPEDIENTE

Editor Responsável: Carlos Augusto Nazareth.

Conselho Editorial: Benita Prieto, Lúcia Cerrone, Lúcia Jurema.

Editoria de Literatura: Benita Prieto.

Colaboradores: Angela Carneiro, Benita Prieto, Eva Spitz, Fanny Abramovich, Ferreth, Flávia Ribeiro, Guto Lins, Laura Sandroni, Lúcia Cerrone, Léo Cunha, Sylvia Orthof.

Capa: Reprodução da Capa do livro "Manual de boas maneiras das fadas", de Sylvia Orthof, publicado pela Ediouro.

Reformulação do Projeto Gráfico e Diagramação: Gustavo Paso.

Distribuição: Luís Lemos.

Jornalista Responsável: Marco Antônio Henriques. Reg. 16.001

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - tel/fax: 569-5680

Tiragem mensal de 15 mil exemplares

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL MARCELO MARTINS

✉ "Parabéns pelo encantamento e pelas importantes informações do adorável *Jornal Vertente!* Belo trabalho de uma equipe forte. Amei a crônica do Léo Cunha, jovem escritor mineiro que já é um dos maiores nomes da literatura infantil e juvenil. Desejo sucesso e vida longa para todos vocês."

Stela Maria Resende - Taguatinga - DF

✉ "Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelo excelente "Vertente". Continuem assim!"

Alair A. Carvalho - Rio de Janeiro - RJ

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO

AMAIS
Bibliotecas populares do RJ (20)
Casa da Gávea
Casa da Leitura
Casa das Artes de Laranjeiras
Casa de Cultura Laura Alvim
Casa de Rui Barbosa - Livraria Catsapá
Centrinho de Artes do Meier
C. Cult. Banco do Brasil
C. Cult. Calouste Golbenkian
C. Cult. da Light
C. Cult. da SBAT
C. Cult. CIEE
C. Cult. Gama Filho
C. Cult. Laurinda Santos Lobo
C. Cult. Oduvaldo Viana Filho
Clube Mackenzie
Clube Municipal

Dazibao - Paço Imperial
Esc. de Dança Maria Olenewa
Esc. de Música Antônio Adolfo
Esc. de Música Villa Lobos
Esc. de Teatro Martins Pena
Esc. Nacional de Música
Espaço Cultural dos Correios
Espaço Novo
Espaço das Artes
Estação Botafogo
Estação das Letras
Estação Paissandu
Esp. Unibanco de Cinema
Esp. Cultural Sérgio Porto
Letras e Expressões
Livraria Malasartes
Livraria Plens
Livraria Pé de Página
Livraria Ler e Ver

Livraria Siciliano - Ipanema
Museu da Cidade
Museu da República
Museu do Telefone
O Tablado
Paço Imperial
Planetário da Gávea
Sindicato dos Artistas
UNI-RIO - Biblioteca
TEATROS DA CIDADE (35)

NITERÓI
CINE-ART UFF

SÃO PAULO
Cent. Cult. Vergueiro
Teatro Ventoforte

FRIBURGO
Nova Friburgo C. Club

VOLTA REDONDA
GACEMSS

VALENÇA
Imaginarte

PETRÓPOLIS
Biblioteca da UCP
Bibl. Mun. Gabriela Mistral
C. C. Tristão de Athaide
Livraria Livromania
Livraria Obelisco
Livraria Pump

A leitura infantil em questão

Especialistas discutem a promoção da literatura

Rodrigo Ferreira dos Santos, morador de Padre Miguel, no Rio de Janeiro, 11 anos, já está escrevendo o segundo livro.

O primeiro foi lançado na primeira Bienal do Livro. E chama-se *Paixão Proibida*, um romance a la *Romeu e Julieta* de dez páginas. O que é mais inacreditável? Um menino escrever um livro ou a escola transformar suas mal traçadas linhas em literatura, dentro do espírito de *mostrar serviço* que norteia os interesses atuais do governo?

Rodrigo é uma entre dezenas de crianças brasileiras que freqüentam a escola pública e estão desenvolvendo o hábito de ler e escrever livros, a partir das ações de incentivo à leitura promovidas pelo governo, seja a **Ciranda de Livros**, seja o **Programa Leia Brasil**, patrocinado pela Petrobrás ou o **Projeto Paixão de Ler**, introduzido pela Secretaria de Cultura. Um coleguinha de Rodrigo, de idade aproximada a dele, já havia escrito 15 livros! Todos exibidos na citada Bienal. Mas o melhor da história: Rodrigo, que recebeu os primeiros estímulos dentro de casa, lê tudo que lhe cai nas mãos, sem sofrer quaisquer repressões familiares. E depois escreve para o jornal da escola, faz resumos de livros como *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, escreve artigos sobre a violência policial no Brasil.

Poderíamos dizer, então, que as ações de incentivo à leitura, que vêm sendo desenvolvidas pelo governo, estão dando certo?

Ainda é tudo muito recente. O **Projeto Leia Brasil**, patrocinado pela Petrobrás, começou em 92 e, só agora, reconhece o diretor do projeto, Jason Prado, é que começa a dar resultados. Uma pesquisa recente constatou em uma determinada escola do município, em Ramos, um desempenho "fantástico" dos alunos com relação à leitura. Bem que o *Leia Brasil* se esforça. De um lado, pela biblioteca volante, que carrega 15 mil volumes para empréstimo, de outro, promove encontros entre autor e alunos. E ainda promove cursos, seminários, espetáculos infantis.

Na verdade, procura-se mudar uma realidade desde os anos 70 tenta-se obrigar a criança a gostar de ler através de procedimentos mais autoritários e na maior parte das vezes contraproducente. Segundo Eliana Yunes, nunca houve, de fato, nenhum incentivo nessa área. Nos anos 70, o que houve, diz ela, foi uma explosão mercadológica do livro infantil, porque editoras estavam paradas, muitas obras estavam sob censura, havia um vácuo na produção. A idéia foi: "vamos fazer livro pra criança, porque criança engole qualquer coisa e não está sob censura."

A quantidade acabou propiciando a emergência da qualidade. "Então, evidentemente, apareceu muita coisa boa. Mas isso não se confunde com um projeto que nunca existiu, nem na cabeça do editor, nem na do governo. O que sobrou de melhor foi uma leitura que apontava para o lugar do homem pensante. No bojo vieram alguns projetos localizados, como a *Ciranda de Livro*, da Fundação Nacional do Livro infantil e juvenil, patrocinado por uma empresa alemã Hoescht e que foi encampada pela fundação Roberto Marinho e o PROLER, do qual fui uma das organizadoras".

Yunes participou da equipe que selecionou o material para a *Ciranda do Livro* e conta que o material foi distribuído para 35 mil escolas de periferia urbana e rural no Brasil. Um exemplar para cada escola. Eram 60 títulos que, no entanto, não cumpriram o seu destino, diz. "Uma avaliação séria vai dizer que foi um êxito de publicidade, para Hoescht e Fundação Roberto Marinho. Mas no que toca à formação de leitores, nada. A maioria dos livros ficou nas caixas, nos locais para onde foram enviados, ou pendurados no display, para as crianças verem. Promover livro não é distribuir livros."

Francesco Trota, professor de telejornalismo na Estácio de Sá e técnico em assuntos educacionais do Cefet-RJ acredita que houve efetivamente um aumento do nível de leitura através dos projetos institucionais de promoção à leitura. A circulação de livros aumentou e ninguém investe em algo que não tem público, acredita. "Projeto Minerva, Mobral e outros programas sociais dos anos 70 ou anteriores a ele formaram muitos neoleitores, e também houve um processo de desenvolvimento do livro infantil que modificou-se muito nestes últimos anos. Até os anos 50 as histórias importadas preenchiam toda a demanda, com exceção de Monteiro Lobato e Vicente Guimarães. A partir dos anos 70 surgiram novos autores brasileiros e o livro infantil passou a ser muito procurado desde a pré-escola. O fato da população brasileira ter aumentado ajudou também na formação dos novos leitores, supõe." Para ele, o livro infantil é uma literatura nova no sentido de que tem muitos autores



Paulo Lins e Silva

*Maria, a menina que sabia contar. Michel Enck
Entre as mãos
Prêmio VCM - UNICEL, 1999 - (ilustração)*

“Eu parto do princípio que tudo que o adulto acha chato a criança também vai achar. O professor tem que adorar o livro.”

Patrícia Lins e Silva

novos e há um alto nível de experimentação; são criativos e têm uma grande aceitação. Muitos fazem parte do currículo das escolas como Ruth Rocha, Chico Buarque, Ziraldo.

Patrícia Lins e Silva, uma das diretoras da experimental Escola Parque, reduto privilegiado de classe média alta, na Gávea, também acredita, com base em sua experiência, que as crianças estejam realmente lendo mais. Sobretudo as menores, do primário à quinta série, "vejo muito interesse nelas em ler". Existe muita coisa interessante e bonita nas livrarias, muitos livros com edições caprichadas, bem ilustrados, que estimulam a leitura, acredita.

Mas isso deve vir conjugado com um trabalho de conscientização permanente na escola, não só junto ao aluno, mas junto ao

continuação da página 3

“O Proler foi destruído pelo dinossauro ministro Weffort por causa de uma briga personalizada com o Afonso Romano de Santana.”

professor. Suas máximas são: Ninguém dá para uma criança ler um livro que o adulto acha chatíssimo. Professor não pode exigir que o aluno leia em classe, enquanto corrige trabalhos. O professor deve ser o primeiro a se tornar leitor; ele tem que gostar do livro, e ler junto com o aluno, seja em sala de aula ou na biblioteca. E quando lê algo de que gostou muito, mas que seja inacessível, por sua complexidade, é recomendável que fale do livro, diga porque gostou.

Há muita coisa traduzida, diz Patrícia, mas assim como tem coisas péssimas estrangeiras, tem coisas péssimas brasileiras. Segundo ela, a mania que existe, até hoje, de oferecer para a criança o texto fácil, falsamente bonito e de má qualidade, a pretexto de facilitar o entendimento, afasta ainda mais a criança da leitura. “Textos extremamente facilitados, que não respeitam a inteligência da criança são, ao contrário, inibidores da vontade de leitura. O caso, conclui ela, é que dá trabalho pesquisar livros de qualidade para oferecer ao aluno e pouca gente se dedica a isso. “Eu parto do princípio que tudo que o adulto acha chato a criança também vai achar. O professor tem que adorar o livro.”

Eliane Yunes concorda com Patrícia. Seria preciso que os professores fossem leitores, diz Yunes. Seria preciso que os professores saíssem do lugar comum de fazer as eternas perguntas “qual é o personagem principal, quem é o autor, etc.”

A Biblioteca Nacional tentou mudar esse quadro, entre 91 e 96, criando o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (o Proler), do qual Eliane Yunes foi a principal artífice: “Esse programa foi destruído pelo dinossauro ministro Weffort por causa de uma briga personalizada com o Afonso Romano de Santana. Os projetos do ministro se chocavam com o Proler que já estava em 400 municípios do Brasil, um projeto descentralizado em que se pensava, inclusive, uma pedagogia nova de leitura e articulava-se com umas 2 mil unidades. E foi totalmente desarticulado.”

Rui de Oliveira, um dos maiores ilustradores brasileiros, premiado nacional e internacionalmente, tem o seu traço impresso em mais de 100 livros infantis. De origem operária, nasceu em São Cristóvão e se criou na zona norte. Mas seu pai, pobre e trabalhador, como filho de imigrantes, queria que os filhos estudassem e isso foi fundamental

para a formação de Rui: “o primeiro núcleo de leitura é dentro de casa”, garante. A escola, segundo ele, é complemento.

Na sua opinião, o livro didático é o maior inimigo do incentivo à leitura, porque, geralmente, através dele, textos mal escritos e desenhos mal feitos fazem com que as crianças, que não recebem estímulo de casa, passam a odiar, para sempre, Machado de Assis. São livros que não criam hábito de leitura.

Esta questão do hábito também é muito questionável, continua ele. “Isso requer uma escola pública digna, como aquela em que estudei.

“O livro tinha que estar sintonizado com a indústria de brinquedo. Livro também é brinquedo!”

Rui de Oliveira

Não adianta comprar mil, computadores para escola que não tem luz elétrica.”

No que tange à ilustração em livros infantis, Rui de Oliveira é grato aos anos 70, quando o Instituto Nacional do Livro, sob a direção de Maria Alice Barroso, assessorada por Walmir Ayala, na sua sensibilidade e honestidade, instituiu que todo o livro premiado fosse ilustrado por brasileiros. Graças a isso começou a surgir uma geração de ilustradores brasileiros. E chama atenção: “Na feira de brinquedos que está ocorrendo atualmente em SP, chegou-se a conclusão de que os brinquedos mais baratos são os mais procurados. Está havendo uma ascensão da classe baixa. Então porque não associar o livro ao brinquedo e torná-lo também acessíveis aos bolsos. O livro tinha que estar sintonizado com a indústria de brinquedos. Livro também é brinquedo!” ■

Eliane Yunes

Ela está formando equipe de pesquisadores e de professores, promotores de leitura a nível de pós-graduação (mestrado e doutorado na PUC, e na UERJ). Acaba de criar a RE.LER - Rede Brasil de Leitura, com o grupo de pesquisadores com o qual trabalha. O RE.LER foi criado no último dia 3 de abril na Universidade Federal do Espírito Santo. É constituído de pesquisadores de várias Universidades brasileiras e várias outras instituições de ensino e de cultura: você pode promover a leitura criando bibliotecas, distribuindo livros, fazendo campanhas televisivas, ler é bom, mas promover leitura, deveria ser compreendido como promover e incentivar leitores, no sentido de pessoas. Não há autor, editor, editora que possa sobreviver sem essa figura última a qual o livro se destina. No entanto, na atual sociedade moderna, onde a intervenção do Estado é mágica, é possível imaginar que, se promove leitura comprando livros em pacotões.

A formação de leitores começaria por uma ação institucional da escola, onde o menino, ou a criança, adentra o código da escrita e vai poder estabelecer uma compreensão, uma comunicação com a fala do outro através do texto escrito. Essa compreensão de que ensinar a ler e formar leitores se equivalem é completamente equivocada. É uma pseudo equivalência: uma pessoa pode dominar um código inteiro, combinar sons, ler seqüências de palavras e não estar absolutamente lendo. A leitura significaria, no primeiro plano, a possibilidade de fazer interagir o conhecimento imediato do contexto que ele vive, com o texto do qual ele está recebendo algumas informações novas: Ou seja, cruzar a própria experiência com a experiência que vem do outro. Esse trabalho envolve mais do que ensinar gramática, sintaxe, linguística e semântica, envolve um processo paulatino de tomada de posse da linguagem como um todo, desde a oralidade, até a linguagem de imagens e implica, portanto, numa primeira leitura de mundo, que vai constituir, nas diversas linguagens, um modo de se expressar. Um Sebastião Salgado, por exemplo, está falando com a gente, em qualquer linguagem, a partir do domínio desse processo e de uma consciência aguda, crítica, do mundo, que envolve a interação do sujeito com as suas memórias, sua afetividade. Através desse conjunto ele pode estabelecer não só uma relação de troca, como pode gerar um discurso próprio, o que transforma um leitor em autor.

Esse processo de formação de leitor coloca, na ordem do dia, o problema da discussão do ideológico, que está colado ao discurso escrito. Quando o leitor conseguir descolar do discurso institucionalizado, ele vai construir a sua leitura singular de mundo e de sentidos.

Eva Spitz
Jornalista

Malas de leituras viajam pelo mundo

Um projeto de integração: cultura popular - livros e brinquedos

Maurício Leite é um homem bem-vivido. Conhece "França, Orópa e Bahia", além de ser um grande contador de histórias. Bem humorado, passa pelos piores momentos sem se abalar. Também para quem viveu entre índios, durante anos, adquirindo sabedoria ancestral, dá para tirar de letra as vicissitudes da vida. "Eu pretendo mostrar que aqui a gente também faz coisas legais pelo meio ambiente e pelas crianças. É uma forma de mudar a imagem que o Brasil tem, lá fora, de destruição da natureza e de violência", declaração para o Diário de Cuiabá.

Tudo começou em Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, onde nasceu. Estudou Magistério, Arte Dramática e autodenomina-se arte-educador. Foi ainda menino que tomou gosto pelas narrativas orais. Escutava com atenção o que os mais velhos contavam e depois punha-se a repetir a história. O hábito persiste e não se pode negar que seja hoje uma espécie de arquivo ambulante da cultura cabocla nacional. Os "causos" e descrições memorizadas servem de conteúdo para as aulas que ministra. Suas histórias acabam dourando ensinamentos de História, Matemática, Literatura e temas que nem fazem parte dos currículos escolares oficiais.

O projeto Malas de Leitura e Oficinas de Brinquedos começou em 1983, na região do médio Araguaia, ilha do Bananal/MT, com crianças indígenas e da zona rural. É um projeto de educação não formal que tem como objetivo preparar a criança e o jovem pelo trabalho, contribuindo como fonte alternativa de renda, promover a formação do leitor e resgatar a memória nacional através do brinquedo popular.

Nas Oficinas de Brinquedos é usado o buriti, um tipo de palmeira que existe em várias regiões do país e principalmente em Mato Grosso. A retirada da matéria prima dos talos do buriti é feita com critérios ecológicos: a extração acontece em época propícia para a poda, ajudando seu desenvolvimento; impedindo assim que folhas velhas e secas sobre o solo venham a propagar o fogo. O material usado na fabricação é simples: cola, facas, retalhos de tecidos, tintas, pincéis e muita Arte!

O suporte intelectual do projeto são as itinerantes Malas de Leitura - baús de madeira, contendo livros infantis e juvenis, gibis, gravador, cassetes, bonecos, maquiagem teatral artesanal, espelho e outros atrativos que conduzem a uma leitura prazerosa dos livros. Hoje há mais de 150 malas espalhadas pelo Brasil: Xapuri, São Félix do Araguaia, Olinda.



Mas o projeto que tem apoio da UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância - e da ASHOKA - Agentes Inovadores do Bem-Estar Social - uma ONG Americana, cruzou fronteiras chegando a Itália, EUA e aos ouvidos da Fundação Hitachi, do Japão, que financia projetos educacionais e pensa em implantá-lo em comunidades indígenas americanas. Em agosto de 1997 Maurício volta para Nova York e faz uma exposição de brinquedos no "Museo del Barrio", instituição cultural fundada há mais de 25 anos pela comunidade porto-riquenha. Quem sabe não surge um projeto desses por lá? É no campo e na selva que Maurício Leite, há mais de vinte anos, cumpre a sua missão particular de levar adiante um projeto de educação ambiental prático, direto, barato. Na sua mala da leitura leva, de vila em vila, de tribo em tribo, de fazenda em fazenda, o ensino e a cultura. E recolhe a experiência, a memória, a técnica de fazer brinquedos e de brincar com eles. Trata-se da mais original e bem sucedida experiência de preservar e fundir culturas no vasto interior do país. ■

Benita Prieto

Atriz e Contadora de Histórias

MAURÍCIO LEITE
Alameda Seringueira, 369
Residencial Canachuê - Cuiabá - MT
CEP 78080-250

Mensageiro Virtual

Tenha diariamente um mensageiro para realização de suas tarefas pelo menor custo, com maior agilidade

➤ CONTRATO MENSAL COM DIREITO A 01 TAREFA/DIA, OU 20 TAREFAS/MÊS, PARA REGIÕES CENTRO/ZONA SUL:

APENAS R\$ 67,00



A MANEIRA MAIS SIMPLES, ECONÔMICA E EFICAZ DE CONTRATAR UM MENSAGEIRO.

CONFIRA!!!

**Av. Nilo Peçanha, 50/1107
RJ - CEP 20.020-100
Fone: 533-2902
FAX: 262-0522**

Quosque tandem, Catilina, abutere patientia nostra?

Há urgências que não podem aguardar. E o momento, sem dúvida, nos parece que é esse. Antiga discussão acreditamos deva ser revista e ampliada face a inúmeros acontecimentos e recentes posturas.

O VERTENTE publicou artigo de Karen Accioly, cujo enfoque acreditamos seja tema que possa ainda ser discutido por um longo período, sob vários aspectos, ouvindo-se diversos profissionais, de diversas áreas, a fim de que possamos chegar a um sólido bloco de **ação**, que leve a mudanças fundamentais nas relações entre a arte e o poder; seja político, econômico ou de que natureza for.

Em seu artigo, Karen Accioly questiona: *“Que medo natural é este, que faz com que, em nome do teatro jovem, ou não, os artistas se depreciem diante das empresas e imprensa, para conquistar seu lugar ao sol?”*

O artista, envolvido com sua arte, seu universo criativo, tem, muitas vezes, dificuldades de lidar com segmentos do universo factual no qual está inserido; e quando tem necessidade de estabelecer relações de troca, cujo valor não é o artístico, mas o comercial, surge um mar de indagações.

Há um justo valor para a arte?

Para o artista e para as pessoas, que vêm a arte como instrumento maior, esse valor é inestimável, gerando, inclusive, dificuldades de se estabelecer parâmetros. Para aqueles cujo referencial é apenas o aspecto econômico, a arte é um produto barato, pois a matéria prima é - a criatividade e o próprio ser humano... *“apenas”!*

Desde a antiguidade existe a figura do Mecenas. Artistas tinham o mecenato do Rei. A Arte sempre foi um produto que interessou ao poder. Seja para dar prestígio, projeção, “verniz” de intelectualidade, enfim, por mil e um motivos, a Arte sempre foi um produto de interesse do poder político e econômico. Tanto que Amir Haddad, ao comemorar os seis anos do Centro Cultural do Banco do Brasil, basicamente utilizou esse tema como “mote” de sua festa: desde os reis católicos de Espanha, até nossos dias, convivem a Arte e o Poder. E desde antes. O que nos torna historicamente necessários e imprescindíveis?

Só que a troca, nas últimas décadas, não tem sido uma troca justa e equânime. O artista não entende muito bem porque o chamam para estar presente a um evento. Acredita sempre que é apenas pela admiração que têm pelo seu trabalho. E é. Mas não apenas. A empresa que dele se aproxima, além da excelência de seu trabalho, avalia tudo como um investimento em reais, e busca o retorno desse investimento - seja em reais, seja em imagem



institucional, mas sempre avaliado em moeda corrente. Há uma troca, mas os critérios de avaliação são diversos, de lado a lado. Pela empresa tudo é avaliado em reais, em custo/benefício. Pelo artista, o importante, mais que tudo, é falar ao mundo, expor seu trabalho, sua obra; sua moeda são os aplausos e o reconhecimento. Este é nosso calcanhar de Aquiles. E como não estamos sintonizados com este pensar, não nos valorizamos em reais - que é **exatamente** o que **hoje** nos possibilita estar atuantes no mundo, com nossa arte, defendendo nossos ideais, nossas idéias, defendendo valores, discutindo o mundo, revelando e revendo a vida. A postura das empresas, de um modo geral, que se utilizam da cultura como instrumento de marketing, é amesquinhante. Há muitos anos atrás uma doutora em literatura nos disse: *“Quando chamam Mário Henrique Simonsen para falar de Economia em uma conferência, nunca pensam em menos de 5.000 dólares. Um profissional da literatura é sempre convidado a participar de graça. E dispendemos o mesmo esforço, tempo e dinheiro. Meu conhecimento não é menor que o dele.”*

Outro nos diz: *“É um desrespeito! Estou com um espetáculo teatral num sobrado, onde todos os amigos vêm pedir ingresso grátis. Um amigo nosso tem um bar embaixo. Lá todos, também amigos, passam antes para tomar um chopp e pagam. Sem reclamar”.*

Os episódios são inúmeros, desde estes, envolvendo ilustres palestrantes e anônimos amigos, até o professor primário, com um salário aviltante a quem alguns ainda têm a coragem de dizer: *“Ah, mas e a vocação? A remuneração não é apenas o salário, mas a paixão de ensinar. Um sacerdócio.”* Isto, sim, é uma afirmação aviltante, depreciativa, e política, que pretende deixar as coisas como estão. É um fato cultural tão forte que quando o professor pensa em ganhar dinheiro com sua profissão se sente culpado.

Os espetáculos de teatro tiveram em 1997 seus cachês aviltados pelo próprio Município e Estado, que chegam a oferecer R\$ 400,00 por um espetáculo; e o argumento é que sempre encontram quem faça - *“e até por menos”*. Nas escolas, espetáculos são oferecidos a dois, três reais o ingresso. Resta nos perguntar que *“artistas”* são esses que liquidam sua arte no *“varejão”* do consumo? Quem está enganando quem?



EM ABRIL 10 ANOS DO GRUPO EDUCART

- ★ **Integrante**
Do maternal à alfabetização com arte.
- ★ **Escola de Artes**
Música, Dança, Teatro, Artes Plásticas e Capoeira.
- ★ **Centro de Terapia e UTI Pedagógica**
Musicoterapia, Fonoaudiologia e Psicopedagogia.
Atendimento à crianças surdas e deficientes visuais.

continuação da página 6

“Por idealismo, necessidade de realização pessoal e profissional, falta de espaço e oportunidade, profissionais acabam se aviltando numa relação de menos valia com o poder.”

Projetos milionários, que mantêm há anos seus promotores com salários insondáveis, convidam, para seus seminários, profissionais renomados para discutirem problemas ligados a sua especialidade, sem remuneração, apenas por amor a Arte. E pior. Os profissionais vão. Por idealismo se aviltam e estabelecem a menos-valia nessas relações.

Editoras buscam espaço em eventos em troca de canetas de promoção; solicitam contadores de histórias sem remuneração, mas com o objetivo de vender seus livros.

Associações culturais querem anunciar cursos, pelos quais cobram mensalidade, mas o querem gratuitamente - em veículos alternativos - porque na imprensa oficial jamais conseguiriam sequer um desconto.

E é essa desvalorização generalizada que acaba criando uma distorção no mercado. Se eu tenho um produto cultural de qualidade, que interessa a esta ou aquela instituição, que seja pago, por ele, o valor justo, que permitirá a sobrevivência do produto, de quem o gera, e de toda a ideologia e contribuição à cultura que possa trazer. Se o produto não é de boa qualidade, que não se pague nada a ele e nem se facilite sua veiculação. A lei da oferta e da procura exercida em sua plenitude sem nenhuma outra interferência escusa e externa, acabará por equilibrar o mercado, consagrar quem tem valor, e eternizar o que é para ser eternizado.

Para isso é preciso que o artista se valorize, tome consciência do mercado capitalista em que está inserido, exija respeito dos patrocinadores,

não se curve ante o poder econômico, não se encante diante de propostas mirabolantes, pois elas, quando raramente acontecem, podam seu poder de ação, de criação, de decisão, amesquinham a Arte. E a força da Arte, da Verdade, e da Ética, estão acima desse poder amesquinhante. Embora possa parecer, não é uma tarefa fácil. Há uma cultura da exploração que mantém este seguimento da produção no liame entre o não-se-extinguir, e o não-ser-tão-libertário-e-fortalecido que ameace as instituições. É um jogo. As regras não são explícitas, o preparo dos times é desigual, o poder de fogo também, mas David venceu Golias.

Para finalizar, lembramos artigo também publicado, no VERTENTE, assinado por Bernardo Jablonsky, que fica à guisa de sugestão: “Sozinhos, fracos e isolados só teremos a perder: a vaquinha vai pro brejo, visitar o sapo que nunca vira príncipe e a bruxa vai estar a solta...Está na hora de um mínimo de ação conjunta.” ■

Carlos Augusto Nazareth

Diretor de Teatro

A partir deste número criamos o espaço **TRIBUNA LIVRE** onde qualquer profissional da Arte terá o espaço de trinta linhas para veicular seu protesto, *por a Boca no Trombone* - resgatar seus direitos de cidadão.

I SEMINÁRIO DE LITERATURA DRAMÁTICA E TEATRO NA ESCOLA

DIAS 15, 16, 17 e 18 de julho na Biblioteca Estadual Celso Kelly

A VERTENTE PUBLICAÇÕES ASSESSORIA, CONSULTORIA E PROMOÇÕES CULTURAIS LTDA REALIZA O SEU PRIMEIRO EVENTO DE GRANDE PORTE EM JULHO DE 1997, EM PARCERIA COM A BIBLIOTECA ESTADUAL CELSO KELLY, COM A PARTICIPAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ABRINDO, ASSIM, UM SEGMENTO DE REALIZAÇÃO DE SEMINÁRIOS, WORKSHOPS, OFICINAS, CURSOS, PALESTRAS QUE VISAM DISCUTIR OS CAMINHOS DIVERSOS DA ARTE E DA EDUCAÇÃO.

NESTE I SEMINÁRIO ESTARÃO PRESENTES OS GRANDES MESTRES DA ARTE E DA EDUCAÇÃO NO EIXO RIO-SÃO PAULO: **FANNY ABRAMOVICH, ILO KRUGLI, MARIA CLARA MACHADO**(A CONFIRMAR) E **BENITA PRIETO, BERNARDO JABLONSKY, CARLOS AUGUSTO NAZARETH, CELSO SISTO, CÉLIA BISPO, DUDU SANDRONI, KAREN ACCIOLY, LÚCIA CERRONE, LÚCIA COELHO, MÁRCIA FREDERICO, SÍLVIA ADERNE, SÔNIA RODRIGUES MOTTA, SURA BERDITCHEWSKY** E OUTROS.

O SEMINÁRIO ESTÁ ESTRUTURADO PARA SE REALIZAR EM QUATRO DIAS, COM MESAS REDONDAS PELA MANHÃ E OFICINAS À TARDE, ALÉM DA APRESENTAÇÃO DE DOIS ESPETÁCULOS TEATRAIS.

PRIMEIRO DIA

ABERTURA

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO “A HISTÓRIA DE TOPETUDO”

MESA REDONDA: A LITERATURA DRAMÁTICA

DEPOIMENTO: FANNY ABRAMOVICH

OFICINAS: ESTUDO COMPARATIVO: O TEXTO LITERÁRIO E O TEXTO TEATRAL

DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE E CRÍTICA TEATRAL

O TEATRO NA ARTE EDUCAÇÃO

SEGUNDO DIA

MESA REDONDA: O TEATRO E A ESCOLA

TERCEIRO DIA

MESA REDONDA: O TEATRO E A EDUCAÇÃO. AS MESMAS OFICINAS SE REPETIRÃO

NO SEGUNDO E TERCEIRO DIA À TARDE DE MODO QUE TODOS OS PARTICIPANTES

POSSAM FREQUENTAR TODAS AS TRÊS OFICINAS

QUARTO DIA

ESPETÁCULO “OU ISTO OU AQUILO”. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO



Publicações Assessoria,
Consultoria e Promoções
Culturais Ltda

O SEMINÁRIO ESTÁ SENDO ORGANIZADA PELA VERTENTE COM A COORDENAÇÃO DE BENITA PRIETO, CARLOS AUGUSTO NAZARETH E LÚCIA JUREMA FIGUEIROA E AS INSCRIÇÕES PODEM SER FEITAS NA SEDE

DO JORNAL VERTENTE, POR FAX OU TELEFONE.

TEL.: (021) 568-8912

INSCRIÇÕES:

R\$ 30,00

SYLVIA ORTHOF - retrato de alma inteira

Quem lê *Confissões de uma inventadêtra de palco e escrita* da excelente coleção **Livro Aberto** da Editora Atual se depara com um texto de Sylvia Orthof que é um retrato de alma inteira; e quem não tem o privilégio de conhecê-la pessoalmente acaba a leitura com a sensação de... "...puxa, há quanto tempo não vejo minha amiga Sylvia!..."

Aventuras da escrita

Sylvia Orthof por Sylvia Orthof

Eu estava falando de Fanny Abramovich e Ruth Rocha. Pois é, recebi um pedido da Ruth, que era da Editora Quinteto, para enviar uma história infantil.

Escrevi o texto, foi aprovado; Tato (meu marido e companheiro de amor e vida) fez as ilustrações, foram aceitas, pagas, e Fanny deveria escrever algo sobre o livro *Sou Miloquinha, a duende*

De repente Fanny me telefonou:
- Sylvia, queridona, você sabe que adoro o que você escreve...

- Puxa, Fanny, obrigada!

- Pois eu estava dizendo que adoro o que você escreve, gostaria de ter, por quinze minutos a tua cabeça...

- Fanny, estou ficando encabulada...

- O seu livro, Sylvia...

- Eu soube que você vai fazer a quarta capa, obrigada! (Quarta capa, pra leigo, é aquele lugar, no verso do livro, onde, às vezes, se colocam opiniões... sempre elogiosa, sobre o dito cujo livro) Que bom! Fiquei superfeliz, Fanny, escolheram você para escrever sobre *Sou Miloquinha, a duende!*

- Sylvia, achei o seu livro uma... merda!

- Uma merda?

- Pois é.

- ...E agora, Fanny? Ele já foi contratado!

Tato já recebeu pelas ilustrações... Se você acha que está uma merda...

- Acho, com todo o respeito, Sylvia, que

o livro é uma bosta. Eu não posso escrever, na quarta capa, que gostei da Miloquinha, não é possível!

- Ai que horror!... Eu tenho uma idéia, Fanny: o livro não entrou em gráfica, vou apelar pra Ruth, pedir que ela me dê um tempinho e reescrevo o livro.

- Mas a opinião é minha. Posso estar errada.

- Eu também posso errar, Fanny! Nem vamos conversar mais... eu vou refazer o livro e... é pra já! Tomara que Ruth compreenda.

RUTH COMPREENDEU!

Reescrevi o livro. Aproveitei todas as ilustrações (já pagas...precisávamos tanto de dinheiro, já tínhamos gasto o que Tato recebera) e escrevi outra história. Mandei pra Fanny, aflita, roendo as unhas.

Fanny telefonou.

- E... aí?

- ...

- Fanny, você recebeu o livro reescrito?

(Gargalhada Fannyquenta Abramovichenta)

- Fanny, não me mata de aflição!

- Li, e agora gostei! Amiga, faça a quartacapa!

Amizades sinceras têm dessas maravilhas, amém!■

ASSOCIAÇÃO
MIRAFLORES
EDUCACIONAL

Do teatro aos computadores.
Da biblioteca ao coral.
Dos esportes à educação ambiental.
Do inglês à música.
Da matemática à nossa língua.

Qualidade nem sempre é mais caro

Matrículas Abertas
Do Maternal à 8ª série

Rua Ministro Octávio Kelly, 474 - Icarai
714-6838 / 710-8189

Concurso de Literatura Infantil sobre a Cidade do Rio de Janeiro

Prêmio Carioquinha de Literatura 1997 - Regulamento

O Prêmio Carioquinha de Literatura, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, através da Divisão de Editoração do Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, tem por finalidade selecionar duas obras na área de Literatura Infantil que focalizem, como personagem ou cenário, a cidade do Rio de Janeiro.

Serão admitidos somente textos inéditos, redigidos em língua portuguesa e assinados sob pseudônimo, atendendo ainda às seguintes especificações: a) estarem digitados ou datilografados em espaço duplo, em apenas uma face do papel de formato A4; b) estarem estruturados de modo que permitam uma edição com número mínimo de 16 (dezesesseis) e máximo de 32 (trinta e duas) páginas, incluindo textos e ilustrações; c) serem apresentados em 05 (cinco) vias idênticas.

Inscrição

Os candidatos deverão entregar as cinco vias do texto acompanhadas de um envelope lacrado que contenha as seguintes informações: nome; pseudônimo; título da obra; número do CIC e da carteira de identidade; endereço, CEP e telefone; ficha resumida das atividades profissionais; na parte externa, exclusivamente o pseudônimo do autor.

Os trabalhos deverão ser entregues entre 12 de maio a 16 de junho de 1997, na Divisão de Editoração, sediada no arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - rua Amoroso Lima, 15, sala 106, ou a ela encaminhados sob registro postal, sendo aceito o carimbo dos Correios como Comprovante de data.



Divulgação

Resultado

O resultado do concurso será divulgado em 30 de julho de 1997, em sessão pública, no auditório do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, às 16 horas, quando serão abertos os envelopes de identificação dos vencedores, com publicação no Diário Oficial do Município no prazo de 7 (sete) dias.

Os trabalhos selecionados serão anunciados ao público em geral, numa cerimônia em data posterior, durante a qual serão entregues as premiações do concurso.

ZOOM

com Vera Mangas

"O Prêmio Carioquinha de Literatura foi criado com a intenção de estimular a elaboração de textos na área de Literatura Infantil, apresentando a cidade do Rio de Janeiro como personagem ou cenário dessas criações. Surpreendeu-nos a receptividade do concurso, que atraiu profissionais e iniciantes nesta arte, tendo sido premiados ano passado *O Chico e o Avô do Chico*, de Isabel Lustosa e *Digo Rio e Sorrio*, de Reinaldo Valinho, duas obras que, publicadas pela Secretaria Municipal de Cultura, inauguram a coleção *Biblioteca Carioquinha* e contribuirão, sem dúvida, para enriquecer este gênero da Literatura. Sobretudo, o concurso reafirma a importância que, hoje, se dá à difícil e fascinante aventura que é escrever para crianças." ■

Prêmios

Serão agraciados com a importância de R\$3.000,00 (três mil reais) o primeiro colocado e de R\$2.000,00 (dois mil reais) o segundo colocado. Ambas as obras serão publicadas na Coleção BIBLIOTECA CARIOQUINHA, com tiragem inicial de 1.500 (um mil e quinhentos) exemplares, destinando-se aos autores o número correspondente a 10% (dez por cento) de cada edição.

INFORMAÇÕES

Secretaria Municipal de Cultura
Divisão de Editoração
Telefones: 273-3141 e 273-4582 (telefax)

CESTAS LIDADOR PARA O DIA DAS MÃES

6 Tipos de Cestas com Produtos de Todo o Mundo

O Presente é Fino, a Idéia Genial,
Saborosa Demais!



LIDADOR

Rua da Assembléia, 65 - RJ

Tel.:(021)533.4988 - Fax.:(021)533.5391

Sylvia Orthof uma invent

De como essa mocinha sem vergonha de mostrar a alma completou

"Tem gente que acha a vida curta. Pensei que a velhice só acontecesse num futuro eterno, que nunca chegasse. Ela aconteceu e não me pegou...quer dizer: na alma, a gente não envelhece. Tem até gente que finge que envelhece, só de vergonha de mostrar a alma."

Sylvia Orthof

Conheci Sylvia Orthof em 1991, quando fazíamos parte de um júri que escolheria, dentre 300 textos sobre a ecologia, quatro, para serem encenados, como prêmio. Dos 300 textos, alguns eram realmente ótimos, mas o tema único e ainda cheio de entendimento equivocado, provocava uma avalanche de peças cheias de chavões que invariavelmente acabavam tentando salvar o verde, o mico-leão dourado, o boto cor-de-rosa, ao mesmo tempo que matavam a dramaturgia.

Um dia em que Sylvia estava com seu personagem Uxa, ora fada, ora bruxa, ela fez uma pausa na reunião e declarou: *Se alguém aqui estiver subindo a serra de Petrópolis (Sylvia mora com seu marido, o Tato, em Petrópolis) e vir um desmatamento, fui eu; uma queimada, também fui eu.* A gargalhada foi geral.

A ameaça acabou se concretizando, quando, no ano seguinte, Sylvia montou, no Mercado São José de Laranjeiras, sua peça *Ervilina e o Princês*. Em determinado momento, algum personagem da peça faz o seu desabafo sobre o ano da ecologia e põe fogo na mata fictícia do teatro. Isso tudo acontecendo na Eco 92 foi, no mínimo, o máximo do bom humor.

Todo mundo que conhece a Sylvia tem uma história engraçada para contar sobre ela. Mas acho que ninguém melhor do que ela mesma soube definir o seu jeito Sylvia de ser. Em sua quase biografia *"Se a memória não me Falha"* escrito ao sabor das lembranças, sem respeitar a tal da cronologia, ela, no comecinho do livro, como que se estivesse mandando um recado para o leitor, fala de suas colegas de escola e diz que, mesmo

passado tanto tempo, só se lembra delas de saias pregueadas e tranças nos cabelos, e em meio a essas lembranças faz um reflexão: *"Tem gente que acha a vida curta. Pensei que a velhice só acontecesse num futuro eterno, que nunca chegasse. Ela aconteceu e não me pegou...quer dizer: na alma, a gente não envelhece. Tem até gente que finge que envelhece, só de vergonha de mostrar a alma."*

Foi assim que essa mocinha sem vergonha de mostrar a alma, completou, agora em 97, 16 anos totalmente dedicados à literatura e chegou à maioridade (21 anos) com seus textos para teatro. Aliás foi no teatro onde tudo começou.

Sylvia, carioca, de pais austríacos, pintava e bordava na escola, onde tinha absoluta certeza de que o inglês, falado por sua professora surda, só era entendido nas imediações do Colégio Resende. Um dia, foi assistir Hamlet com a mãe; dali saiu completamente convencida de que queria ser atriz. No dia seguinte, bateu na porta do antigo teatro Phoenix, já dizendo a que veio. Paschoal Carlos Magno, numa de suas iluminadas loucuras, lhe deu o papel de Julieta, no Shakespeare que estavam montando.

Isso foi só o começo; Sylvia trabalhou no TBC com Cacilda Becker, Cleyde Iáconis, Ziembinskie Gianni Ratto e naturalmente com Madame Morineau. Em Paris dos anos 50 estudou mímica com Marcel Marceau e foi existencialista/comunista no Café Capoulage do Boulevard Saint Michel. Ela diz que na verdade

ENTREGO O LIVRO
E ASSIM ME LIVRO,
NA QUARTA CAPA
NÃO DIGO E DIGO.
SOU QUEM EU SOU,
NÃO VOU E VOU:
BRINCO DE LIVRO!
A FOFA É FADA
QUE ME PERSEGUE,
ELA É TÃO GORDA
QUE SE ATREVE
A FICAR NUA...
ELA INSINUA.
SE NÃO GOSTARES,
A CULPA É TUA!
SYLVIA ORTHOF.

"Manual de boas maneiras das fadas",

não era uma coisa nem outra, mas que na época era muito charmoso se vestir toda de negro com uma enorme franja loura quase cobrindo o rosto inteiro. Assim nossa Julieta Grecco, acompanhada de outros brasileiros, em trânsito por Paris, como a atriz Maria Fernanda, os cineastas Geraldo e Renato Pereira, mais Ivo Pitanguy, em meio a todo o tédio que fingiam sentir, batucavam, nas mesas do Capoulage, as últimas novidades da MPB.

A Sylvia, atriz, conheceu seu primeiro marido, que era médico, no TBC e de lá foi para a Bahia e depois para Brasília, numa daquelas transferências em que a mulher acompanha o marido em seu trabalho. Ela acha que se fosse o inverso isso jamais aconteceria, mas como o que nunca lhe faltou foi criatividade, Sylvia deixa o palco e começa a escrever suas peças, dá aulas de teatro na Universidade de Brasília e cria o Teatro do Candanguinho; com a *Viagem de um Barquinho* ganha o prêmio Molière e não pára mais.

Na literatura começa um pouco mais tarde. Em 80, a convite de Ruth Rocha e de Ana Maria Machado escreve alguns textos para a Revista Recreio. Logo depois Eliane Ganem pede a ela um livro para crianças. É dessa época



adeira de palco e escrita

dezesesseis anos dedicados à literatura: atriz, diretora, autora, sylvia.



histórias e rabiscos de Sylvia Orthof

“Todas as emoções que uma atriz sente através do texto, eu jogo no papel. É um método de teatro. É como se fosse uma improvisação e é muito gostoso. Quando eu termino, estou muito suada e vou tomar banho e aí começa a vida.”

“Mudanças no Galinheiro, mudam as coisas por inteiro”, “Uma história de telhados”, “Rabiscos e Rabanetes”. Ao todo, até hoje são mais de 100 histórias poéticas e engraçadas, como a própria autora; estão no mercado devidamente premiados pela Fundação Nacional do Livro, com o Prêmio Jabuti, pela Associação Paulista de Críticos de Arte e pelo IBBY, da Unesco. A maioria deles ilustrados por Tato, seu parceiro mais que perfeito na vida e na arte.

Aliás a história de Sylvia e Tato só não daria um romance porque eles estão mais interessados em vivê-lo na vida real, ou quase real - no caso dos dois não dá para ser tão exato assim.

Para começar a Sylvia e o Tato fugiram de casa. Não na adolescência, mas há pouquíssimo tempo. Em 87, morando ainda em Laranjeiras, com seu único filho solteiro, o Pedro (ao todo são três: Cláudia, Pedro e Gê) a Sylvia e o Tato começaram a achar moderno demais o filho que, tardiamente, morava em casa de mãe com namorada a reboque. Tudo poderia se transformar num dramalhão mexicano se os personagens fossem outros. Muito mais moderno que filho avançado que dorme com namorada é mãe que foge de casa com marido. E lá se foram os dois para Petrópolis. Ela escrevendo para os desenhos dele, ele desenhando para as histórias dela, num tempo que só os dois sabem explicar.

A Sylvia escritora, que termina o seu livro de lembranças “*Se a memória não me falha*” porque já está cansada de escrever e porque naquele momento acha mais importante olhar uma roseira que está nascendo no seu jardim, fala, na época do lançamento desse livro, sobre o seu processo de criação. Processo de criação é o nome que ela resolveu, em algum momento, dar a seu estilo personalíssimo Sylvia de ser. O tal do processo é mais ou menos assim:

Sylvia, que adora escrever todas as manhãs. diz que se fosse espírita (ela é judia, católica, apostólica, romântica) acharia que, na verdade, ela psicografa seus textos. Melhor dizendo: “baixa um santo”. Se parar e for ler no dia seguinte tem plena certeza de que não foi ela que escreveu. Antes de ir para a máquina, faz um pouco de ginástica, liga o rádio e dá uma sambadinha para sacudir o corpo e as idéias. Como foi atriz, e é a grande diretora do Teatro do Livro Aberto, em Petrópolis, cria seus personagens, ao mesmo tempo que interpreta sua história. É a atriz do seu próprio texto quem fala: “*Todas as emoções que uma atriz sente através do texto, eu jogo no papel. É um método de teatro. É como se fosse uma improvisação e é muito gostoso. Quando eu termino, estou muito suada e vou tomar banho e aí começa a vida.*”

A vida que essa atriz, escritora, diretora e naturalmente Sylvia Orthof, festeja a cada dia de fada e de bruxa no que de melhor ela tem. ■

Lúcia Cerrone

Atriz e Jornalista

O humor na literatura infantil

Sylvia Orthof por Fanny Abramovich

Existem autores com visível bom humor na nossa literatura infantil e juvenil. Outros demonstram, numa ou noutra obra, capacidade de fazer rir, sorrir, gargalhar, perante um acontecimento. Outros têm uma boa idéia, outros conseguem uma grande sacada, outros colocam muita ironia e agudeza na boca dum dos personagens, como contrabalanço pra seriedade geral.

Mas acredito que há três autores nossos (Monteiro Lobato, Sylvia Orthof e João Carlos Marinho) que são sempre divertidos em seus escritos, e que sua obra é criada não apenas com graça e sabor, mas com percepção do inusitado, com o humor como concepção básica, sendo tudo realmente engraçado, gargalhante, inesperado e, por isso, muito inteligente.

Escrevendo histórias curtas, Sylvia Orthof usa com leveza o verso, a rima, o ritmo e a cadência das frases... inventa, inventa, reinventa e torna a inventar... Inesgotável na sua imaginação, na sua quebra de expectativas, de estereótipos, de formas outras de perceber o que quer que seja. Podem ser os atropelos sucessivos de *Sarocotico no céu*, onde São Jorge, uma velha senhora, um disco voador, a lua sirigaita e seresteira, um disco de ouvir, vão mesclando alucinadamente suas vivências e procuras... Pode ser o desmantelar total das expectativas de comportamento quando, em *Ervelina e o príncês*, a moçoila sofre duras penas como candidata real à futura esposa do príncipe, e depois esnoba, pois não apenas não tem a menor intenção de se casar, como, se o fizer, será com seu namorado pastor e jamais com Sua Alteza... Pode ser em *A velhota cambalhota*, onde uma senhora se entrega a toda sorte de desatinos numa pacata cidade mineira, cambalhotando e mostrando um mundo de pontacabeça... Ou em *A mesa de botequim e seu amigo Joaquim*, onde se percorre o velho Rio de Janeiro ao lado de uma independente e risonha mesa de botequim, boêmia e feliz, e onde ninguém (seja mesa, peixes, garçom, gramofones etc) atua, responde, reage, do modo como o leitor espera... E assim, por toda a sua obra. Uma autora que é capaz de falar dos animais que marcaram a sua infância em *Os bichos que tive e dentre eles citar o bicho-do-pé e o bicho-carpinteiro...*

O humor de Sylvia é inesgotável!!! Sua cabeça livre, sem preconceitos, sem viseiras, faz com que tudo ganhe vida, com que tudo ande fora dos trilhos, para descobrir caminhos por onde passam os trens... Uma autora que conhece o nonsense, que se diverte, que cria, que escreve - e até ilustra - que faz com que cada novo livro seu seja saudado como um acontecimento: porque vem coisa boa, divertida, instigante, cutucante... Otimérrima!!!

Alguns ilustradores se reuniram para conversar sobre a imagem e o livro: Graça Lima, Guto Lins, Roger Mello, Mariana Masarani, Ivan Zigg e convidaram autores para refletir sobre a qualidade do objeto livro na literatura infantil e juvenil. E assim nasceu CRIALIVROS, cuja primeira ação é o manifesto ideológico que ora publicamos.

manifesto



crialivros

Os tempos mudaram. As exigências e necessidades para a conquista do leitor agora são outras e isso é inegável. Desde as concepções estéticas até a comercialização da obra, a literatura infantil e juvenil exige hoje um olhar mais atento e crítico, e uma dinâmica própria, adequada a princípios que nos permitem chamar o que produzimos de *objeto-livro*: o livro infantil indissociável do fazer artístico.

Nós, criadores de literatura infantil e juvenil, propomos uma reflexão sobre aquilo que produzimos, sobre nosso papel na literatura brasileira, no mercado editorial e na cultura do País, ressaltando os seguintes pontos:

A literatura infantil e juvenil é hoje um dos segmentos mais destacados do mercado editorial. Se há uma crescente expansão de títulos e exemplares, há também, por outro lado, um significativo aumento de público leitor e de profissionais qualificados a criarem livros que além de objetos estéticos, não perdem de vista a continuidade do processo histórico, fundamental para a formação de cidadãos, indivíduos e leitores do mundo;

O livro infantil mudou como produto. Vivemos numa era na qual o apelo visual das novas tecnologias responde também pela criação de novos conceitos estéticos. Escritores e ilustradores são igualmente autores dos livros. Portanto, interessa mais que nunca *odesign*, o projeto gráfico, a palavra como reunião da busca formal e poética traduzida em obras que fortaleçam texto e imagem como elementos que dialogam e que permitem múltiplas leituras;

As editoras precisam aperfeiçoar a relação profissional com os criadores de livros, acusando o recebimento de originais, dando respostas em prazos curtos e hábeis, respeitando os contratos, acatando sobretudo a participação de escritores e ilustradores no processo de impressão do livro, como garantia da qualidade do produto final;

Acreditamos que o livro infantil e juvenil é tão importante quanto os livros produzidos para os leitores adultos, por isso reivindicamos para nossas obras o mesmo tratamento de marketing editorial que as editoras dispensam às obras de autores consagradamente de público adulto:

Que a imprensa garanta espaço para a literatura infantil e juvenil! Literatura infantil e juvenil é antes de tudo literatura. Mais resenhas críticas nos jornais e revistas só beneficiariam o próprio leitor e os que têm a tarefa de selecionar com e para ele;

O modelo de circulação da literatura infantil e juvenil, dentro da escola, teve e tem seu papel na conquista de espaço: formação, manutenção e consolidação do leitor. Neste momento, cabe aos educadores e criadores desenvolverem também uma reavaliação desse modelo, considerando ainda a necessidade de um contato direto com o público leitor, garantindo o lugar da leitura espontânea, da livre escolha de livros e da leitura também como exercício de prazer - elementos fundamentais na configuração do leitor-crítico;

O encontro do leitor com o criador de literatura infantil e juvenil, tanto na escola quanto em espaços comunitários, deve ser encarado como um momento de liberdade, de estímulo à expressão livre e individual, da leitura própria e particular do leitor. Para tanto, esse momento deve ser valorizado, preparado, e devem-se fornecer condições profissionais aos criadores para exercerem essa atividade. Tornemos esses encontros trocas enriquecedoras para todos os envolvidos;

País e professores têm papel fundamental na formação do pequeno e do jovem leitor e devem, portanto, se tornar igualmente leitores - também das obras que lhe são destinadas -, ajudando-os a desenvolver critérios seguros de escolha e seleção do livro de qualidade;

As livrarias podem e devem acolher o livro infantil e juvenil em suas estantes com a mesma atenção que dispensam aos livros para o leitor adulto. Locais acessíveis e de destaques não apenas para os livros-brinquedos;

Que as instituições competentes assumam as bibliotecas como centros culturais vivos, promotoras de atividades e eventos que coloquem o livro e a leitura na ordem do dia e das questões. Portanto é necessidade de primeira ordem que os acervos sejam permanentemente atualizados e que se invista num constante aumento das bibliotecas e salas de leituras, com profissionais que já tenham entendido que o perfil desses lugares hoje é outro.

Enfim, defendemos sempre a literatura infantil e juvenil na sua globalidade: enquanto um conceito estético, enquanto uma modalidade complexa da comunicação literária - de integração com seu público -, enquanto espaço de criação e recriação da própria vida.

**Rio de Janeiro, 18 de abril de 1997
Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil**

Ana Raquel, Angela Carneiro, Celso Sisto, Graça Lima, Guto Lins, Ivan Zigg, Júlio Emílio Braz, Léo Cunha, Luciana Sandroni, Luis Pimentel, Luis Raul Machado, Luiz Antônio Aguiar, Lula, Marcio Trigo, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Mathilda Kóvak, Nelson Cruz, Regina Yolanda, Roger Mello, Rogório Andrade Barbosa, Rosa Amanda Strausz, Rui de Oliveira, Ruth Rocha e Wilson Rocha.

Crialivros

Celso Sisto Tel.: (021) 247-2360

Ivan Zigg Tel.: (021) 205-1572

Que livro é esse, menino?

Livros que parecem cinto de utilidades atraem a criança

Nos dias de hoje, com a grande variedade de materiais e suportes possíveis, tanto na execução das ilustrações, como na confecção do objeto livro, o próprio livro entra em questão: Afinal, qual é a cara do livro infantil, hoje?

Ilustrações feitas com massa de modelar e fotografadas, digitalização de imagem de vídeo, ou capturadas na Internet, papéis especiais para impressão, encartes em materiais diversos, recortes engraçados, efeitos sonoros, páginas acolchoadas, etc, além de enriquecerem visualmente o livro, incentivam o espírito criativo da criança na busca de soluções alternativas diante da diversidade.

E acima de tudo elas adoram.

Essa linguagem visual utilizada pelo livro moderno, exercida de forma lúdica ou não, está se estabelecendo como mais uma arma a favor do livro, já que aumenta sua quantidade de informação e possibilidades de leituras.

Evidentemente o tiro desta arma pode sair pela culatra. Todos estes recursos gráficos muitas vezes são usados como puro efeito especial camuflando livros de qualidade duvidosa. Livros que mais parecem cinto de utilidade ou canivete suíço, que atraem a criança por serem mais brinquedos do que livros.

O mercado está cada vez mais competitivo e a qualidade tem que ser o fiel da balança. Qualidade de texto, imagem, impressão e divulgação. Infelizmente isso não é o que acontece, embora algumas editoras já estejam neste caminho. A qualidade deve ser a tônica também no que se refere ao CD-ROM. Os livros em CD-ROM iniciais copiavam estruturalmente o ritmo de leitura de um livro comum, alguns até faziam barulho de um virar páginas, a única diferença era o suporte: via-se o livro na tela de um computador, podendo

ouvir o livro com efeitos sonoros e fazer pequenas interações, como bichos que aparecem e desaparecem ao som de uma buzina ou um rugido. Os CD-ROM modernos estão finalmente conseguindo encontrar a sua própria linguagem, com páginas não sequenciais, que podem ser lidas através de uma navegação que permite ao leitor ir descobrindo a história aos poucos, podendo, inclusive, em uma segunda leitura, descobrir coisas novas, ou navegar pelo livro por um trajeto diferente. A criação e produção de CD-ROM está saindo do campo da informática e caindo nas mãos dos artistas, dos escritores e dos "designers". Com isso já é possível encontrar títulos interessantes tanto em conteúdo quanto em imagem, além da previsão de diversos lançamentos nas mais variadas áreas.

Para os puristas e para os amantes do objeto livro, como eu, é bom lembrar que mais ou menos há 10 anos, aconteceu em São Paulo uma passeata contra as guitarras elétricas e seus poderes diabólicos. Hoje em uma mesma escola de música um aluno pode aprender a tocar não só a tal guitarra elétrica, mas também um sintetizador de última geração, ou um instrumento secular como o oboé, ou até berimbau.

A fotografia não matou a pintura, o cinema não matou o teatro ou o circo e a tv não matou o cinema.

A informática é inevitável. É uma ferramenta que pode ser usada para os mais variados fins, inclusive nos campos da educação, da cultura, e do entretenimento, assim como o nosso amado livro.

Usando um texto de Nicholas Negroponte, do MIT (Massachusetts Institute of Technology): "Talvez nossa sociedade tenha muito menos



crianças incapazes de aprender e muito mais ambientes incapazes de ensinar do que hoje percebemos. O computador pode mudar essa realidade fazendo-nos mais capazes de chegar até a criança com diferentes estilos cognitivos e de aprendizado."

Façamos livros interessantes e atraentes para esta criança que está aí. O livro não tem que competir com a tecnologia, mas sim conviver com ela. Façamos todos os livros possíveis. E os impossíveis também. ■

Guto Lins
Autor e Ilustrador

JANINA'S
BUFFET

SERVIÇO COMPLETO DE BUFFET

- .casamentos, bodas, aniversários, etc
- .serviço de garçom e copeiro
- .louças, copos, taças e talheres
- .refeição a quilo na loja
- .atendimento de refeições para filmagens

Rua Bento Lisboa, 66 - Tel.: 557-7844

família Lobato

Olá, leitores!

Nesse mês tão especial para a Literatura Infantil e Juvenil, resolvemos fazer a coluna comentando todos os livros indicados. Estamos muito felizes por um número do Vertente totalmente dedicado a LIJ e temos certeza que a produção editorial desse segmento tem melhorado a cada ano. No mais parabéns a Hans Christian Andersen que nasceu em 2 de abril - Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil - e Monteiro Lobato que chegou ao planeta Terra há 115 anos, em 18 de abril - Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Até sempre, Margarida Lobato.

 **S**ugestões
**Coleção Contos de Andersen**

Tradução de Mary França; Ilust. Eliardo França.
São Paulo: Ática, 1992.

Muitos recontos, traduções e adaptações são feitas da obra de Andersen. Então o que diferencia esta das demais? Fácil resposta. Trata-se de um trabalho de pesquisa que levou esse casal de mineiros até a Dinamarca para conhecerem o lugar onde viveu Andersen e se envolverem, acima de tudo, com suas emoções. Tiveram a ajuda dos dinamarqueses o que tornou a tarefa agradável, fácil e interessantíssima como revelam na contracapa dos livros. O resultado é primoroso e engloba onze contos, reunidos em oito livros, entre eles: O Patinho Feio e os nossos favoritos As roupas novas do Imperador e A verdade verdadeira. A coleção agradará a *Leitores com alguma experiência de leitura*.

Coleção Verso na Prosa, Prosa no Verso

de Carlos Drummond de Andrade.
Rio de Janeiro: Record, 1997.

Quem pode resistir? Essa é a chamada do *folder* que acompanha a coleção. Aliás que chamada perfeita para uma coletânea de textos de Drummond! Os *Leitores com habilidade de leitura* vão se deliciar! São quatro volumes: A senha do mundo, A cor de cada um, Criança dagora é fogo! e Vó caiu na piscina. Tem poesias, contos e crônicas. As capas são lindas, o papel de qualidade e as ilustrações extraídas de periódicos ingleses, maravilhosas.

**Minhas memórias de Lobato**

de Luciana Sandroni; ilust. Laerte.
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.



Luciana é com certeza uma grande leitora de Lobato, pai da Literatura Infantil de nosso país. O livro tem o título "**Minhas memórias de Lobato** contadas por EMÍLIA, MARQUESA DE RABICÓ e pelo Visconde de Sabugosa", informa através da ficção e deixa bem claro, na divisão das tarefas, o que coube ao Visconde de Sabugosa representar na obra de Lobato e o que coube a Emília. Na leitura vamos nos emaranhando na fantasia e, aos poucos, percebemos os próprios questionamentos da autora que, em alguns momentos, coloca suas dúvidas e posições sociais nas palavras de Emília, tal qual Lobato fazia. A leitura é agradável, mas complexa, e inaugura um novo estilo na escrita de Luciana: denso, verdadeiro, resultado de exercício e pesquisa. É indispensável para *Leitores Experientes* que conheçam a obra de Monteiro Lobato ou queiram conhecê-la. É uma linda ponte para "Reinações de Narizinho", "Memórias da Emília", "Histórias de Tia Nastácia", "O Picapau Amarelo"...

Livro Aberto

de Sylvia Orthof; Ilust. Ricardo Giroto.
São Paulo: Atual, 1996.

Agora vamos nos derramar para essa deusa encantadora, que trabalha como a formiga e vive como a cigarra. Essa dosagem é que possibilita à Sylvia ser única. Em Livro Aberto conseguimos momentos de profundo encantamento enquanto, com seu jeito maroto, ela nos cutuca, nos questiona. Mas não pensem que é ditadora ou dona da verdade, ela é tal qual uma adolescente que não tem respostas, só dúvidas. Isso é o que move alguém a ser educador, sem ter a pretensão de didatismo ou empirismo. Sylvia é pragmática, direta, forte e frágil, "O destino é parecido com o tempo: dá bananas para a sapiência de quem pensa que chegou à maturidade! E maturidade existe?" Os *Leitores experientes* vão se deliciar com todo esse talento e criatividade.

**Joselito e seu esporte favorito**

de Leo Cunha; Ilust. Marilda Castanha.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.



Uma homenagem à Sylvia Orthof ou uma declaração de amor? Joselito é acima de tudo carinho por essa mestra da Literatura Infantil e Juvenil que promoveu nos últimos quinze anos o seu bom humor e irreverência. Não podemos dizer que é uma obra-prima da literatura, pois sabemos da intenção de Leo Cunha de copiar o estilo de Sylvia, como ele mesmo declarou na abertura do livro. Leo, excelente escritor que é, sabe que um estilo não se copia pois é individual e depende da personalidade e da formação de cada um. O resultado do livro é bom para o propósito que tem, pois se dizem que o povo não tem memória, os escritores têm que ter. É para *Leitores com alguma experiência de leitura*.

Os clássicos de Mestre Braguinha

Aos 90 anos autor estreante lança coleção de livros infantis

Divulgação

Aos 90 anos ele está sendo lançado como autor de livros infantis. Seu nome é sinônimo de popularidade sem exageros.

Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha, compôs 428 músicas que o transformaram em candidato à eternidade, como disse o amigo e ator Mário Lago.

O que muita gente não sabe é que o craque do cançãoeiro popular, apaixonado por histórias infantis, escreveu e adaptou contos como *Os três Porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Festa no Céu*, alguns também musicados por ele.

Através da coleção *Clássicos Infantis*, lançada desde 95 pela Editora Moderna, narrativas que atravessaram gerações foram recontadas pelo próprio autor com a supervisão da professora e especialista Nelly Novaes Coelho.

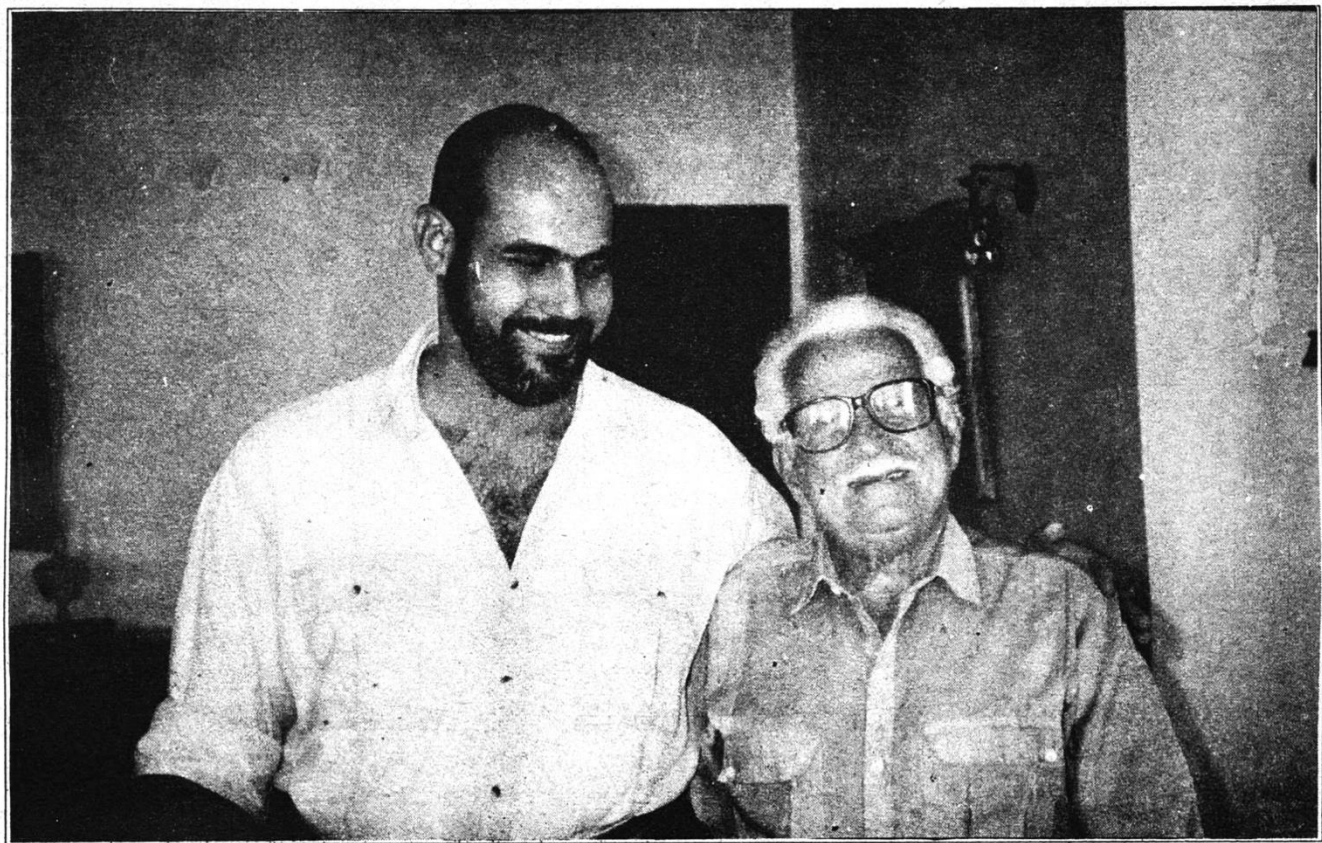
De acordo com a gerente editorial, Maristela Petrili de Almeida Leite, o projeto transportou, para os livros, as letras das músicas dos disquinhos para crianças, lançados pela antiga gravadora Continental na década de 70.

“A adaptação foi necessária visto que não há sonoplastia nos livros. A intenção era resgatar histórias que fazem parte do imaginário de todos nós em produtos de qualidade, sofisticados, que atendessem a um público específico”, comentou.

Para José Luís Prado, que transcreveu as fitas e assessorou todo o trabalho, mantendo contato com Braguinha para realização do projeto, a coleção é uma forma de eternizar as histórias recontadas pelo compositor João de Barro.

Direcionada a crianças a partir de 7 anos e aos pimpolhos que curtem os textos ilustrados narrados pelo país, *Clássicos Infantis* reúne 7 contos populares como *História da Baratinha*, *A Formiguinha e a Neve*, *O Pequeno Polegar* e *A Cigarra e a Formiga*.

A coleção foi premiada como altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro e está disponível nas versões brochura e capa dura. A novidade, em relação a outras publicações concorrentes, é o pequeno histórico que cada publicação traz, ao final de cada narrativa.



O leitor tem acesso a curiosidades, às origens das fábulas e bibliografia do autor. “A criação desse espaço vem informar melhor aos pais e contribui para o enriquecimento da obra”, avaliou Maristela.

A Formiguinha e a Neve e *Chapeuzinho Vermelho* foram as primeiras histórias editadas em

“A intenção é resgatar histórias que fazem parte do imaginário de todos nós.”

95 e lançadas na 7ª Bienal do Livro no Rio de Janeiro. A vendagem da *História da Baratinha* é um termômetro do sucesso. O clássico, que encanta gerações, está na quarta edição.

Ao todo foram vendidos 100 mil exemplares entre os vinte e quatro títulos que compõem a série. No ano que vem, serão publicados *O Rouxinol do Imperador*, *Branca de Neve*, *A Formiga e a Pomba* e *a Bela Adormecida*.

O **Jornal VERTENTE** foi escutar a opinião do mestre do samba-canção, que também participou das versões brasileiras para o cinema de *Pinóquio*, em 1940, e *Dumbo* no ano de 1941. O compositor avalia a literatura infanto-juvenil contemporânea de forma positiva e cita a evolução das narrativas como processo fundamental na criação de novos contos. ■

ZOOM com Braguinha

V - Qual a sua opinião sobre a criação de histórias infantis neste final de século?

Braguinha - A literatura infantil está seguindo o ritmo das crianças de hoje. As histórias têm que evoluir e acompanhar a realidade e o cotidiano infantil.

V - O que falta à literatura infantil atualmente?

Braguinha - Nada. As histórias variam com a moda e com o tempo. Ainda está de boa qualidade.

Flávia Ribeiro



Léo Cunha

Esta crônica foi publicada originalmente no jornal
O TEMPO, de Belo Horizonte.

Em 1993, os franceses Claude-Allan Duhamel e Carole Balaz inventaram o túnel do tempo. A notícia não se espalhou rapidamente pelo planeta, mas todas as pessoas que tiveram a oportunidade de embarcar no invento são unânimes em afirmar: trata-se de uma experiência fascinante, inesquecível. Fiz minha primeira viagem há coisa de dois anos, e venho repetindo de tempos em tempos. Ou toda vez que o presente me atormenta, me assusta, me enfastia.

É bom que fique claro: este túnel do tempo é diferente daquele que a gente assistia na TV. No seriado, os cientistas Tony Newman e Douglas Philips viajavam tanto pro futuro quanto pro passado. O túnel francês tem uma limitação: só leva a gente pro passado. Mais especificamente, para a nossa infância. Para uma época em que ainda não entendíamos claramente o sentido das palavras e das coisas que nos cercavam. E em que, por isso mesmo, podíamos e ousávamos inventar o mundo.

Hoje, por exemplo, o barulho do trânsito, o noticiário político e uma leve ameaça de baixo astral me empurram de novo ao túnel do tempo. Cá estou eu, viajando, revirando o mundo da infância.

Logo de início, encontro uma águia. O que será uma águia? Já sei: é um pássaro muito sério.

Agora uma abelha. O quer dizer das abelhas? Ah, elas moram nas flores. Agricultor? É um sujeito que brinca de fazendeiro. Aquário? Serve pros peixes respirarem. O ananás? É como um sol. E olha que eu ainda não saí da letra A.

Meu túnel do tempo tem 720 páginas e custa 199 francos. Nem tão caro assim - se considerarmos que ele tem capa dura.

Seu nome técnico? *Le Gros Dico des Tout Petits*. Traduzindo livremente: o dicionário dos baixinhos.

O livro é o resultado de uma pesquisa realizada com 17 mil crianças francesas, de até 6 anos de idade. No total, são 3 mil palavras definidas, explicadas, ou comentadas pela ótica infantil. Folhear o livro é embarcar no imaginário dessas crianças e encontrar surpresas, risadas, lições, saudades. Que nos levam a outro planeta, ou, como disse lá em cima, a outro tempo.

Entro de novo no túnel e topo com mais alguns achados poéticos e humorísticos. **Balão**: a gente sopra, solta, eles voam e a gente chora. **Acidente**: uma mulher passa. Um carro passa. Depois o carro passa em cima da mulher. **Zero**: uma hola meio oval que quer dizer que a gente ainda não começou a contar. **Caneta**: é pra gente grande.

Gente grande que, infelizmente, está cada vez mais incapaz de olhar o mundo com esses olhos, essa curiosidade, essa coragem. Já os baixinhos não têm medo nem vergonha de se enganar.

O dicionário traz ainda um detalhe interessante: cada termo a ser definido é seguido por um número entre parênteses, que indica a porcentagem de crianças que declarou conhecer aquela palavra. Assim, ficamos sabendo que 100% das crianças conhecem as palavras chicletes, computador e gripe, por exemplo. Por outro lado, apenas 31% definiram a palavra insulto. Honesto: 13%. Casal: 6%.

É uma pena que o *Gros Dico* continue inédito por aqui. Alô Nova Fronteira, Ediouro, Ática, Record, Cia. Das Letras... Será que nenhuma editora brasileira se interessa em patentear essa invenção? Que tal criar a versão brasileira deste túnel do tempo?

Os Clássicos da Literatura



**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**

**SEMPRE
UM BOM
LIVRO**

Tel: (021) 537.8770

Fax: (021) 537.8610

Email: novafr@embratel.net.br

Os caminhos da arte, os meandros do preconceito

Ousadia: uma função da literatura

Uma das coisas que mais aprecio na chamada literatura infanto-juvenil é seu aspecto solar. Trata-se de uma literatura de alto astral e, como toda literatura, quer maravilhar o leitor. Some-se a isso o fato de que sempre é acompanhada de ilustrações, envolvendo o leitor em diversas linguagens. Tanto como leitora quanto escritora, me vejo fascinada com os livros ditos infantis. Sim, ditos, pois um livro infantil, antes de mais nada é um livro que criança também pode ler.

E para que se lê? Com tantas outras coisas a serem vividas, vistas, ouvidas, digitadas? Dizem-me: aumenta o vocabulário! Aprende-se!

Mas no fundo, no fundo mesmo, a leitura é divertida! Quando uma criança pega um livro, ela não o pega pensando no novo vocabulário; pega-o para passar momentos agradáveis. O resto é lucro.

Porém, realmente a literatura desenvolve o vocabulário, aumenta o volume de experiências, explora a fantasia e a capacidade de raciocinar. Pensando nisso, é costume das escolas a adoção de livros. Carinhosamente, professores lêem diversos livros e escolhem aqueles que consideram melhores para sua clientela.

Aí, começa um estranho efeito no autor de livros infantis: ele escreve pensando no pequeno leitor, porém quem dirige em grande parte a escolha do livro é o professor.

Ah, o professor! Mesmo que ele considere um livro como excelente, muitas vezes não pode indicá-lo por ir contra os princípios do estabelecimento onde leciona, ou porque os pais dos alunos irão questionar. Ou, pior, ele realmente acha o livro fantástico, porém contém incorreções gramaticais, uma escrita mais leve, de acordo com as características das personagens do texto, e isso poderá influenciar negativamente o aprendizado.



O ousado livro de Celso Sisto

Sim, como escritora já ouvi isso. Escolas que não utilizam o elemento fantasia, editoras que recomendam o não uso dos chamados palavrões, mesmo que totalmente contextualizados, que pedem que as personagens desloquem-se do eixo Rio - São Paulo para que os outros estados sintam-se incluídos; pedidos de colocação clássica dos pronomes; o não uso de certas palavras, como aborto, homossexualismo, e até o uso delas! Uma preocupação com o conhecido "politicamente correto".

É claro que entendemos essa preocupação! Afinal, estamos atingindo um público jovem, e

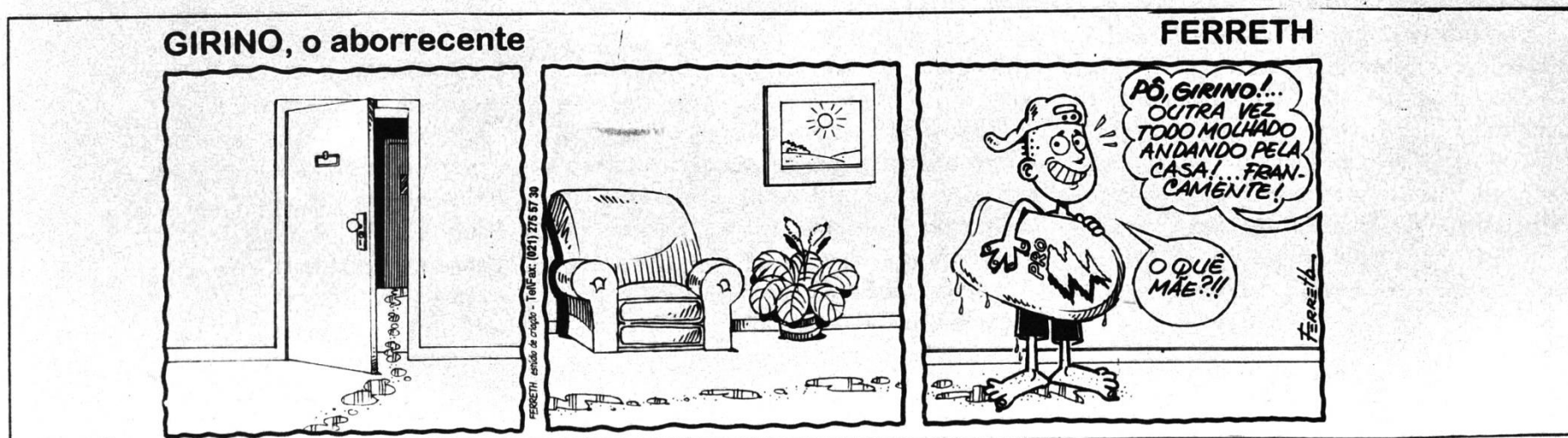
sabemos do poder das palavras! Gostaríamos muito que o nosso leitor nos questionasse, o ouviríamos e com ele dialogaríamos, e não apenas com os preconceitos ou dificuldades adultas. Entender que não existe palavra boa ou má, e sim pertinente ou não; expressiva ou não; sonora ou não.

O interessante deste processo é que, enquanto o professor e a escola se vêm envolvidos na seleção do livro a ser adotado, podem se prender tanto a certos aspectos, que acabam esquecendo outros bem mais importantes. Como se sua leitura se detivesse na norma culta, nos sujeitos e predicados, na questão da prova, na adequação curricular, até mesmo no divertimento, porém, as entrelinhas são esquecidas. Acabam, muitas vezes, realizando uma leitura linear, e não profunda, adotando livros que reforçam atitudes falsas, superficiais, ilegítimas exatamente as indesejáveis, sem se darem conta disso.

Vou dar exemplo, um bom exemplo, um fácil exemplo. Geralmente há uma maior aceitação do uso do palavrão na literatura dita para jovens, no entanto, para a literatura dita para crianças seu uso é impensável! Mas o palavrão faz parte do universo infantil. Quem, quando criança, não se maravilhou ao procurar no dicionário, no fabuloso livro que contém todas as palavras de nossa língua, exatamente o palavrão? Sabendo disso, Celso Sisto ousou. Escreveu o corajoso livro *Assim é Fogo* (Nova Fronteira) e nele, o conto "365 dias %\$#@ de novo?!" sobre o menino que ficava de castigo por falar palavrão. E o final, a palavra proibida é escrita com todas as apropriadas letras, e não com os conhecidos símbolos das histórias em quadrinhos. Sem hipocrisia. Com pertinência, graça, verdade. Enfim, como uma literatura deve ser. E ele, como seu personagem, às vezes é castigado por isso! ■

Angela Carneiro

Autora



José Bento Monteiro Lobato

Editor da *Monteiro Lobato & Companhia*

Brasileiro que viveu muitos anos à frente de sua época, nascido em Taubaté, a 18 de abril de 1882, José Bento Monteiro Lobato colocou sua inteligência a serviço de muitas causas, nem sempre compreendidas pelos contemporâneos. Denunciou a miséria das populações rurais, quando o ufanismo empolgava as elites dirigentes e literárias; acreditou na existência de petróleo no subsolo brasileiro e por isso foi preso; escreveu sobre a necessidade da industrialização quando todos afirmavam que o Brasil era país “essencialmente agrícola”. Escritor que jamais se contentou em permanecer fechado na sua sala de trabalho, entregava-se inteiro às causas nas quais acreditava. Lutava qual Quixote contra os reais moinhos de vento da sociedade injusta e da estrutura agrária arcaica que ainda sobrevivem entre nós.

Escritor da época em que se importavam serviços gráficos de Portugal, e inconformado com a situação, Lobato lançou as bases da moderna indústria editorial brasileira. Tentou dar grandes passos, com a instalação de parque gráfico, a criação de rede de distribuição de livros pelo interior e o lançamento de jovens escritores, ensaístas e sociólogos de valor, logo destacados na história da inteligência brasileira.

Em 1918 a situação do livro no Brasil era dramática. O país possuía ao todo 35 livrarias concentradas na sua maior parte no Rio e São Paulo vendendo obras impressas em Portugal, não ultrapassando a tiragem dos mil exemplares. Em São Paulo, com população de pouco mais de meio milhão de habitantes, apenas 58,5% eram alfabetizados. E a maioria absoluta sem poder de compra. Em 1923 Lobato escrevia: “Não há sobras nos orçamentos para a compra dessa inutilidade chamada livro. *Primo vivere*”. A consciência desse problema fez com que Lobato pensasse nos meios para atingir o maior número possível de leitores. Ao mesmo tempo, consciente de que o gosto pela leitura vinha da infância, decidiu dedicar o melhor do seu trabalho de escritor às crianças, na esperança de que, adultos, se tornassem leitores e compradores de livros, ampliando assim o mercado editorial do país.

Mas enquanto as crianças não cresciam, era indispensável fazer algo. Em 1918 ele recebia da impressora os mil exemplares do seu livro de



José Bento Monteiro Lobato

contos *Urupês*; inconformado com a minúscula rede de livrarias, foi aos Correios, pediu lista de agências e escreveu carta circular a cada agente, pedindo a indicação de firmas que aceitassem “certa mercadoria chamada livro”. Recebeu respostas e escreveu circular aos interessados no seu produto: “*Vossa Senhora (...) quer vender uma coisa chamada livro? (...) Trata-se de artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. V.S.a. receber esse artigo em consignação; se vender, ter uma comissão de 30% se não vendê-los no-los devolver pelo Correio, com porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa*”.

Segundo Edgard Cavalheiro, seu principal biógrafo, quase todos toparam e o comércio de livros ganha um grande impulso. Edições que vendiam de 400 a 500 exemplares em largo período de tempo passam para três mil, com saída mais rápida. “*Isto é o melhor negócio que existe!*”

exclama Lobato, entusiasmado com os primeiros resultados. “*Dizem que o Brasil não lê. Uma ova! A questão é levar a edição até o nariz do leitor, sequioso por leituras... Livro cheirado, livro comprado! O Brasil está louco por leitura. Só os editores não sabiam disso!...*”

Essa inovação na distribuição de livros e publicidade nos jornais constituíram escândalo nacional. Ninguém aceitava que o livro, objeto sacralizado pela elite, pudesse transformar-se em simples mercadoria e tratado como negócio. Considerava-se esta heresia o rebaixamento de valores intelectuais pertencentes ao santuário, só acessíveis aos eleitos. Lobato enfrentou os retrógrados: no início os livros surgem sob a chancela da *Revista do Brasil*, primeira editora fundada por ele, onde emprega um rapaz de 19 anos, chamado Otales Marcondes Ferreira, encarregado da parte contábil. “*Tenho esperanças, escreve Lobato a Godofredo Rangel que desta brincadeira me saia uma boa casa editora*”. Não era brincadeira e as esperanças se transformaram rapidamente em realidade: em pouco tempo estava funcionando a “*Monteiro Lobato e Companhia*”.

“A questão é levar a edição até o nariz do leitor, sequioso por leituras... Livro cheirado, livro comprado!”

Lançava novos escritores e ignorava medalhões. “*Quero tendrons, brotos*”, dizia. A notícia se espalhou e os originais começaram a chover. A leitura das milhares de cartas dos arquivos de Lobato revela que ele ia diretamente à cata de escritores, procurando descobrir valores, animando os tímidos e indecisos, sugerindo obras e assuntos. O catálogo de 1924 mostra nomes de novos em quem ele acreditou: Menotti del Picchia, Paulo Setúbal, Ribeiro Couto, Humberto de Campos, Oswald de Andrade, Godofredo Rangel e Lima Barreto, que, falecido em 1922, ainda era mal visto pelos bem-pensantes. E na sua editora nasce a literatura infantil brasileira com *A Meninada Narizinho Arrebitado*, de 1921, seguido de

continuação da página 18

“No início de 1932 volta-se para o problema do petróleo: funda a Cia. do Petróleo do Brasil e publica artigos defendendo a existência de óleo no nosso subsolo.”

todos os demais títulos do mundo do Pica-pau Amarelo. Também no setor gráfico ele inova. Antes dele praticamente não existia no Brasil a obra ilustrada. Ao atrair artistas como Voltolino, Belmonte, Di Cavalcanti, André, Le Blanc, Rui Ferreira, Correia Dias e tantos outros, valoriza os textos com belíssimas ilustrações e em lugar das capas tipográficas, vistosos desenhos dão colorido e graça às brochuras.

A empresa prosperou. Otales Marcondes ocupa-se totalmente da parte comercial enquanto à Lobato competia a seleção dos originais a serem editados. Mas em julho de 1924 começa a revolução paulista chefiada por Isidoro Dias Lopes contra o governo Bernardes. Durante um mês cessam todas as atividades da editora, com grandes prejuízos. Terminada a revolução o governo muda subitamente a política financeira suspendendo o redesconto de duplicatas até então feito pelo Banco do Brasil. Lobato decide entrar com pedido de falência; a empresa editora adquirira prédio e máquinas a prestação e importara papel em grande escala. Primeiro perde a oficina e em seguida vende o imóvel; mas consegue recuperar o acervo editorial e funda em 1925, com Otales Marcondes a Companhia Editora Nacional. Escreve em carta a Godofredo Rangel: “A nova empresa está formada. Desta vez construímos alicerces de cimento armado. A nova companhia vai prosseguir na sua obra partindo do ponto em que a outra estava no momento do tombo”. É nessa época que Lobato muda-se para o Rio e logo após, nomeado adido comercial nos Estados Unidos. Permanece lá quatro anos realizando trabalho sério e estudando o processo de industrialização americano. Gostaria que o Brasil seguisse esse exemplo. Especula na Bolsa com os recursos de que dispõe mas com a crise de

1929 perde tudo. Então vende a Otales as ações que tinha na Companhia Editora Nacional: a editora interessava-se mais por livros didáticos do que por literatura.

Regressa ao Brasil em 1931 e se empenha na criação da siderurgia brasileira mas à noite, trabalha em sua obra para as crianças e traduz clássicos da literatura infantil. No início de 1932 volta-se para o problema do petróleo: funda a Cia. do Petróleo do Brasil e publica artigos defendendo a existência de óleo no nosso subsolo.

“Em 1941 é informado pela Companhia Editora Nacional que seus livros ultrapassaram um milhão de exemplares vendidos.”

Em março de 1941, preso pelo governo Vargas é condenado a seis meses de prisão. Nesse ano é informado pela Companhia Editora Nacional que seus livros ultrapassaram um milhão de exemplares vendidos.

Em 1944 Lobato funda, juntamente com Artur Neves e Caio Prado Júnior, a Editora Brasiliense. Lá publica *Os Doze Trabalhos de Hércules* e a edição completa de suas obras para a infância. Em meados de 46 viaja para a Argentina onde todos os seus livros já haviam sido traduzidos. Volta um ano depois com a saúde abalada. Vai morar no prédio da Brasiliense, e lá morre às 4:00h da madrugada do dia 5 de julho de 1948. ■

Laura Sandroni

**Laura Constância
Austregésilo de Athayde
Sandroni**

Laura Sandroni nasceu no Rio de Janeiro e se formou em jornalismo. Seu interesse pela literatura destinada a crianças e jovens surgiu ao participar do grupo que, em 1986, organizou a Fundação do Livro Infantil e Juvenil. Primeira diretora-executiva da FNLIJ foi reeleita para o cargo durante dezesseis anos, que coincide com o extraordinário desenvolvimento da literatura infantil e juvenil no o País. Pioneira na crítica regular dos livros dedicados a crianças e jovens, há doze anos assina uma coluna semanal em O Globo, na qual já escreveu sobre aproximadamente seiscentos títulos da produção editorial brasileira.

É co-autora, com Luiz Raul Machado, de Criança e Livro: guia prático de estímulo à leitura.

Laura Sandroni é Mestre em Literatura Brasileira na UFRJ, com trabalho sobre a obra de Lygia Bojunga Nunes.

Arte de BrinCar



Brinquedos Educativos

Ocupe o seu filho com o que há de mais criativo e inteligente

Catete 228

Rua do Catete 228 Loja 220

Tel/Fax: (021)225-9501 ou (021)556-1672

Aceitamos Cartão



PROGRAMAÇÃO VISUAL

Marcelo Martins

tel: 294-4599

LANÇAMENTO DO MÊS

A Editora EDC e a Livraria DAZIBAO lançam dia 20 de maio às 18:30horas, no Paço Imperial, o livro de contos para crianças de Carlos Augusto Nazareth.



O menino detrás das nuvens

Um autor. Um daqueles que sabe contar uma boa história, tão especial, que generosamente tira do leitor a condição de mero espectador e que, de um modo muito delicado, o coloca na trama, íntimo de seus personagens.

Carlos Augusto Nazareth é um deles.

O menino detrás das nuvens é um livro poético na medida exata. Sem colocar o estilo à frente da trama, a história se conta mansamente, num tempo ideal de reconhecimento e conquista. Assim como fazem os novos amigos ao se conhecerem. Na história, os meninos, o de trás das nuvens, do circo e dos morros, cada um do seu jeito, nos pega pela mão muito confiante para, juntos, nos arriscarmos no caminho da descoberta. O convite é irresistível.

Lucia Cerrone

Tel.: (021) 568-8912 ou 569-5680

FAÇA SUA ASSINATURA!

SEMESTRAL - R\$15,00

ANUAL - R\$30,00

ENVIE SEUS DADOS E UM CHEQUE NOMINAL A
CARLOS AUGUSTO NAZARETH PRODUÇÕES LTDA.
RUA VICENTE LICÍNIO, 154 - TIJUCA - RIO DE JANEIRO
CEP 20270-340 - TEL: 568.8912 - FAX: 569.5680

JORNAL VERTENTE

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____

ESTADO: _____ CEP: _____

TIPO DE ASSINATURA: SEMESTRAL ANUAL

